

Atestado de óbito indica as três causas da morte

Mas os médicos sugerem cuidado em sua leitura. E a família pediu uma autópsia.

Três distúrbios concorreram para a morte do presidente Tancredo Neves: colapso de vários órgãos (pulmões, rins, coração), infecção disseminada do sangue e leiomioma (tumor) do intestino com abscessos. É o que revela o breve texto do atestado de óbito, redigido em linguagem técnica e subscrito pelo médico Edgar Augusto Lopes, chefe do Centro de Patologia Clínica do Instituto do Coração, em São Paulo.

Estranhamente, não aparece no documento nenhuma referência expressa à diverticulite — inflamação no divertículo de Meckel — que as anteriores versões oficiais consideraram responsável pela primeira cirurgia efetuada em Tancredo, na madrugada do dia 15 de março, por uma equipe médica do Hospital Distrital de Base, em Brasília. Em vez de diverticulite, o atestado de óbito salienta o leiomioma.

Para os médicos, leiomioma é a designação de um tumor benigno, formado a partir de fibras musculares lisas. Logo depois da primeira intervenção cirúrgica de Tancredo, houve quem divulgasse a notícia de que os médicos lhe tinham extirpado um leiomioma no intestino delgado. Mas essa versão colidia com a oficial, provocando uma polêmica que o atestado de óbito não permite esclarecer.

Em sua linguagem técnica e lacônica, o documento se limita a atribuir a morte do presidente Tancredo Neves a este conjunto de causas: "Falência de múltiplos órgãos, devida à septicemia, devida ao leiomioma do intestino abscedado (operado)". Alguns médicos pedem muito cuidado com a exata interpretação do texto, pois nele há expressões que podem dar margem a equívocos.

Septicemia significa, para os médicos, "uma síndrome clínica caracterizada por grave infecção resultante de bacteremia (presença de bactérias vivas no sangue), que compreende pronunciada invasão da corrente sanguínea por micróbios capazes de multiplicação e disseminação". Entendem ainda os médicos que o texto reconhece ter sido operado um intestino "abscedado", isto é, em que se formaram abscessos.

Para eliminar a polêmica que o atestado de óbito não permite esclarecer, o presidente Tancredo Neves foi submetido a uma autópsia, autorizada por sua família. Quem conseguiu a autorização foi Mauro Salles, secretário especial para Assuntos Extraordinários. A autoria da autópsia ficou sob a responsabilidade do mesmo patologista, Edgar Augusto Lopes, que subscreeu o atestado de óbito.

Mas o relatório sobre os resultados da autópsia ainda continua sigiloso, segundo o superintendente do Hospital das Clínicas, Guilherme Rodrigues da Silva. O sigilo mantido até agora deixa inconformados alguns médicos, que esperavam conhecer toda a verdade sobre as condições de saúde manifestadas pelo presidente Tancredo Neves, nos últimos dois meses. "Por que fizeram a autópsia?" — indagam os médicos.

Na opinião do superintendente do Hospital das Clínicas, a família do presidente Tancredo Neves concordou com a autópsia "para evitar especulações posteriores" sobre as causas de sua morte. Assim, ficou contestada a versão que considerava a autópsia uma conduta adotada necessariamente pelo Instituto do Coração com todos os doentes lá internados.

D.M.



O dr. Guilherme, inconformado.

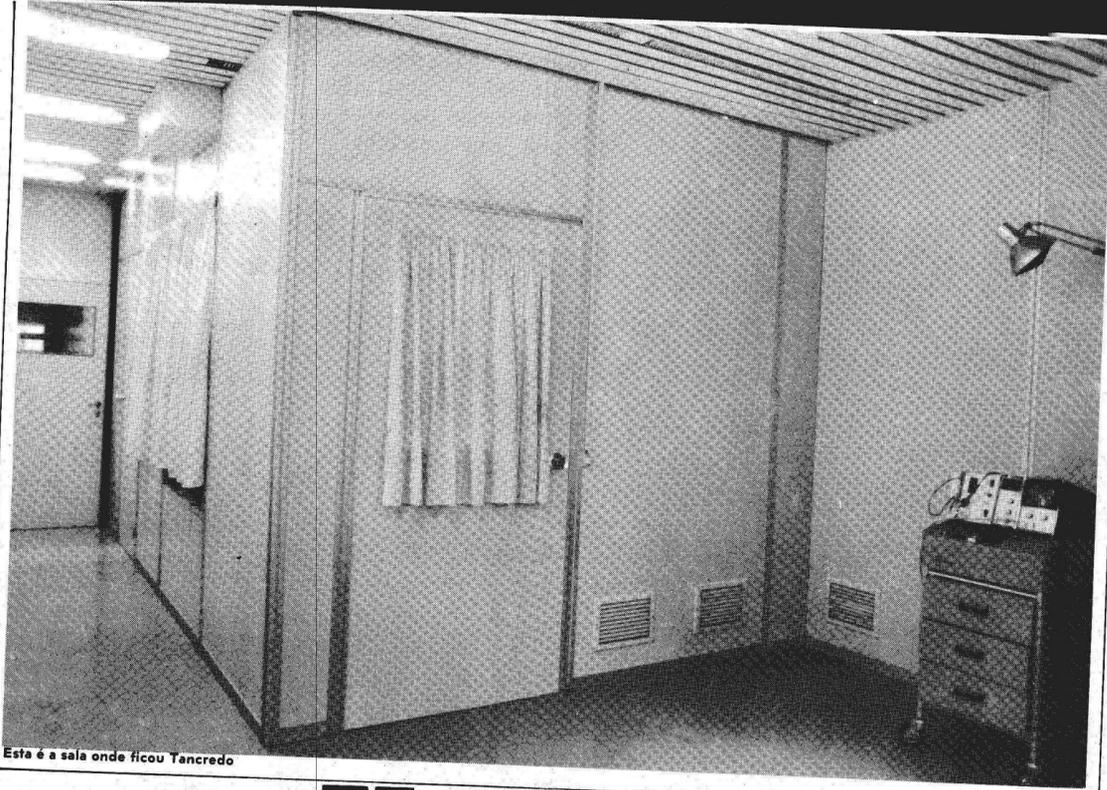
A última noite de vigília: fé, emoção e trabalho.

O povo pareceu pressentir que seria a última noite de Tancredo Neves em São Paulo. Estranhamente, a multidão que durante tantos dias rezou, acendeu velas, jejuou e pediu a Deus e aos orixás o restabelecimento do presidente, na noite de domingo praticamente desapareceu da frente do Instituto do Coração. Havia pouca gente quando, às 22h30, o porta-voz Antônio Brito anunciou oficialmente o falecimento de Tancredo.

Dada a notícia, a situação mudou e aos poucos a av. Enéas de Carvalho Aguiar começou a receber mais e mais pessoas. Uma insólita mistura de emoções: dos risos histéricos de alguns à apatia de outros, dos discursos desconexos de uma minoria ("Tancredo é imperador da democracia") a gritos também desconexos de "abaixo a repressão", o povo enfrentou o frio de dez graus com cachaca e mesmo algumas brigas a socos e pontapés entre facções políticas.

Quando começou a clarear o dia, militantes de todos os partidos e crenças, que horas antes se digladiavam com frases de efeito e agressões físicas, se juntaram ao coro generalizado e cantaram o Hino Nacional, alternando com a palavra de ordem de todas as horas: "O povo unido jamais será vencido".

Dentro do instituto, porém, a morte de Tancredo não significou o fim do trabalho. Durante a madrugada, uma equipe de patologistas do Hospital das Clínicas fez o embalsamamento do corpo, garantindo sua conservação por três dias. E foi providenciada, pelo professor Emílio Lasco, a máscara mortuária do presidente.



Esta é a sala onde ficou Tancredo

Na UTI, até o último momento.

Os oito médicos e os familiares: todos mantinham a esperança de recuperação, em meio à angústia.

Dona Risoleta, filhos, netos, cunhados e um grupo de oito médicos. Estas foram as pessoas que presenciaram os últimos momentos do presidente Tancredo Neves, na UTI do Instituto do Coração, em São Paulo. Os familiares, apesar de toda a esperança de que, mesmo por milagre, o presidente escapasse com vida, viveram momentos de muita angústia. Os médicos, convencidos de que tinham tomado todas as providências cabíveis, foram dominados por um sentimento de completa frustração. Apesar da equipe gabaritada e dos recursos técnicos modernos, não conseguiram devolver o presidente com sua saúde recuperada à Nação.

No atestado de óbito (assinado, ontem, por um professor da Faculdade de Medicina da USP), as razões deste desfecho triste: a falência de múltiplos órgãos, consequente de processo infeccioso maior, que teria sido descoberto a partir da extração de um leiomioma (tumor de caráter benigno). Depois da confirmação do falecimento, não tardou muito para que a equipe de patologistas entrasse em ação. Foi realizada uma necropsia e o material recolhido será investigado em exames histopatológicos (cujos resultados deverão estar prontos em questão de dois dias. Alerta-se, porém, que os dados obtidos constituem segredo médico, e apenas com a permissão da família, poderão ser divulgados publicamente).

As últimas horas de vida do presidente só não foram de um sofrimento maior porque os médicos não cogitaram suspender o estado de sedação, desde a primeira das crises agudas. Mas, no princípio da noite de ontem, tinha-se já o quadro de choque, desencadeado por uma insuficiência circulatória periférica. Por volta das 18 horas, a pressão sistólica (a máxima) estava em torno de oito; às 20 horas, ela caía para quatro. Os médicos passaram a dar doses altíssimas de substâncias aminopressoras (noradrenalina), sem que obtivessem uma resposta satisfatória. Por volta das 22 horas, a pressão arterial sofria uma queda absoluta. O coração, que vinha dando provas de resistência nos últimos dias, começou a demonstrar redução e inconsistência dos batimentos. Nada mais a fazer.

Conduta correta

Visivelmente abatido, o professor Guilherme Rodrigues da Silva, superintendente do Hospital das Clínicas, mais uma vez recebeu os jornalistas para explicações detalhadas sobre o último dia do presidente. Ao fazer uma avaliação sobre o período de internação em São Paulo, o professor garantiu que sempre houve "uma relação fácil" entre a família Neves e os médicos: "A família agrorrou-se na ideia de recuperação e os médicos, muito envolvidos no caso, adotaram uma postura semelhante".

Tancredo Neves — "um paciente tranqüilo, que não deu trabalho" para enfermeiras e atendentes — "não foi vítima de sofrimentos atrozos como se pode imaginar". Quem assegura isso é o superintendente do Hospital das Clínicas, doutor Guilherme Rodrigues da Silva, que, embora bastante abatido, recebeu a imprensa no final da manhã de ontem, abrindo as portas do Instituto do Coração pouco mais de duas horas depois do corpo do presidente eleito ter deixado o prédio.

Segundo o superintendente das Clínicas, a experiência da internação de Tancredo Neves foi vivida "com muita responsabilidade, seguida por uma frustração final". Explica ele: "Ficou a certeza de que tudo o que podia ser feito, foi feito, mas fomos vencidos por algo superior. Usamos todos os recursos que a tecnologia podia manejar, mas não adiantou".

No momento de sua morte — serena, garante o médico — Tancredo estava assistido por pelo menos oito médicos. Guilherme não estava entre eles: "Prefiro não presenciar esses momentos", explicou.

O supervisor do HC voltou ao quarto andar já na parte da tarde, acompanhando a imprensa para mostrar como a unidade de recuperação hemodinâmica hospedou durante 28 dias os parentes mais próximos do presidente: com pouco conforto e muita simplicidade. Já arrumada após a missa, a unidade possuía ainda muitos sinais que alteravam

Quanto à vinda do especialista americano Warren Zapol a São Paulo no sábado, o superintendente, comentou que o colega estrangeiro nada pôde acrescentar à conduta dos médicos brasileiros. Ele teria chegado, se inteirado dos fatos e se avistado com o paciente num estado tão grave, que nem teria condições de realizar exames clínicos mais minuciosos. Confirmou, porém, a correção da conduta médica e uma sobrevida curta — questão de poucos dias, no máximo. (A vinculação deste médico de Massachusetts com a equipe do dr. Pinotti se faz através de dois dos médicos brasileiros convocados no Incor, que trabalharam ao lado de Zapol nos Estados Unidos.)

Doença antiga

A gravidade do estado de saúde do presidente Tancredo Neves, ao mesmo tempo que evidenciava por si os seus contornos, era também investigada progressivamente pelos médicos, que chegaram à conclusão de que a doença se manifestara há vários meses (com o consciente ocultamento dos sintomas pelo próprio doente). Tancredo Neves vinha exibindo sinais de infecção desde o segundo semestre de 84. Pensou-se inicialmente em apendicite. Viu-se, entretanto, que o quadro era mais complicado. O então candidato à Presidência não queria falar em cirurgia e achou que contornaria os seus males com antibióticos. Até que, na noite de 14 de março, encontrou-se um leiomioma, numa cirurgia infectada. A partir deste dado, já dava para se levantar suposições quanto à antiguidade do processo infeccioso.

Hoje, os médicos já têm total segurança para afirmar os seguintes pontos: 1 — extraiu-se, originalmente, um leiomioma e não um divertículo, como foi noticiado (o professor Guilherme Rodrigues da Silva contou, ontem, que este tumor foi enviado para São Paulo e analisado pelos professores do Departamento de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da USP, confirmando-se aquilo que os patologistas de Brasília haviam percebido na cirurgia). 2 — a infecção hospitalar, que tanto preocupou nos primeiros dias de internação em São Paulo, terminou por constituir uma ocorrência muito menos séria do que a infecção autógena e congênita percebida a seguir, quando se isolaram as bactérias que se reproduzem na flora intestinal. 3 — a cicatrização, que tinha o seu lugar garantido nas preocupações futuras dos médicos (caso os problemas mais urgentes fossem resolvidos), vinha realizando-se a contento. O presidente faleceu com feridas cirúrgicas exibindo bom aspecto.

Deficiência

Pulmões, rins e coração falharam sucessivamente, caracterizando aquilo que os médicos nomeiam como "falência de múltiplos

órgãos vitais". Mas o que levou a este estado de deficiência teria sido, de fato, a infecção, também causadora de várias crises de bacteremia. "Usaram-se os melhores antibióticos, os mais adequados, e, mesmo assim, as bactérias continuavam a ser isoladas", comentava ontem o superintendente do HC, inconformado com o fato de não ter-se conseguido controlar o quadro infeccioso, a despeito de todo o cerco realizado pelos médicos, às custas de exames técnicos e laboratoriais e de todas as drogas empregadas.

A infiltração pulmonar, por si só, já representava um quadro grave. Tentou-se o desenchamento dos pulmões às custas de diuréticos, manteve-se o presidente com respiração assistida, fez-se uma traqueostomia, utilizou-se o peep — através de aparelhos, procurava-se introduzir o exágono com maior pressão nos pulmões — e, ao final de todos os procedimentos, não se conseguiu normalizar os níveis de oxigenação (o presidente viveu, suas últimas horas, com um PO₂ em torno de 46 mm, um nível baixo mas não completamente crítico). No último sábado, os médicos fizeram um teste mais do que esclarecedor: tentaram reduzir a participação dos equipamentos na respiração assistida, constatando que, definitivamente, o pulmão não reagiria (as suspeitas de fibrose serão investigadas nos exames histopatológicos, conforme o professor superintendente). Finalmente, os rins. A última hemodilise foi feita pela manhã de domingo e já se desconfiava que a capacidade funcional do órgão não mais seria reativada. Além disso, todo o sistema imunológico do presidente, apesar dos ganhos de gama-globulina, fator de transferência e plasma — permaneceu muito aquém do desejável.

O professor Guilherme Rodrigues da Silva — que em nenhum momento nestes 27 dias de internação em São Paulo desamparou a imprensa e, consequentemente, a opinião pública, fornecendo um acompanhamento coerente e minucioso de todo o histórico clínico de Tancredo Neves — lamentou o desfecho triste, mas, até certo ponto, esperado: "Tinhamos todos os recursos disponíveis para controlar o organismo do presidente. Mesmo assim, vários fatores foram-se complicando, até se chegar a uma situação irreversível". (Segundo comentários médicos, o próprio dr. Zapol chegou a elogiar o equipamento moderno do Incor, qualificando-o como superior ao existente no Centro de Pesquisas sobre Deficiências Agudas de Respiração, do Hospital de Massachusetts, onde ele próprio atua.) Finalmente, o superintendente do HC confirmou o bom estado de preservação do organismo, até os últimos instantes de vida de Tancredo Neves: a perda de peso foi insignificante e os boatos sobre necrose em alguns pontos do corpo eram infundados.

L. G.

A visita da imprensa ao terceiro andar onde está o centro cirúrgico e o centro de recuperação pós-operatória, foi bem limitada, pois a chefia de enfermagem julgou inconveniente a entrada de muitas pessoas. Só um repórter fotográfico, Paulo Cerciani, teve acesso ao local onde Tancredo ficou, para registrar a imagem. Mesmo assim, as enfermeiras não abriram a pequena saleta que abrigou o presidente, alegando que ela estava desarrumada e impregnada de desinfetante para a assepsia.

Enfermeiras da UTI que assistiram o presidente explicaram que Tancredo foi tratado "como qualquer paciente" e não lhes deu muito trabalho. A comunicação, contava elas, era feita por gestos e, com alguma dificuldade, por bilhetes. O presidente, quando ainda estava lúcido, pedia muita água.

O doutor Guilherme e outros funcionários garantiram que o Incor não sofreu grandes alterações em sua rotina com a internação do presidente. Até mesmo a sala de recuperação hemodinâmica estava fora de uso por uma reforma pouco antes da chegada de Tancredo. O atendimento a novos pacientes até cresceu um pouco, segundo Guilherme, pela divulgação do Incor, e a média de oito a dez cirurgias diárias se manteve. Para o Incor, garantem o funcionários habituados à rotina de seu trabalho, foi apenas a passagem de mais um paciente em estado grave. Mas Guilherme admite que ficou um sentimento de "grande tristeza e decepção na equipe".

M.V.G.

Lasco, 30 anos de experiência em copiar feições de pessoas após a morte, disse acreditar que a máscara mortuária de Tancredo Neves será copiada em bronze para que artistas plásticos a reproduzam posteriormente.

Também o escultor Nikolas Vlavianos, grego residente há muitos anos no Brasil, entrou na UTI para fazer um molde do rosto e das mãos de Tancredo, com os quais fará uma escultura. Nikolas disse aos repórteres que o rosto do presidente estava "muito sereno e calmo, dando a impressão de que dormia". Seu trabalho ficará pronto em quatro meses.

Algum tempo após o anúncio do falecimento, a família Neves apareceu na sacada do Instituto do Coração para, unida, agradecer o apoio do povo e da imprensa durante todo o tempo. Mais tarde, Antônio Brito e o secretário para Assuntos Extraordinários da Presidência, Mauro Salles, reuniram-se informalmente com os jornalistas para reter o agradecimento.

Mauro Salles: "Se a família Neves não se dobrar nem perdeu a dignidade e a coragem, deve isto a vocês, jornalistas". Para ele, a imprensa atuou como elo de ligação entre o povo brasileiro, que rezava, e a família de Tancredo, "que assim recebia forças para não perder a fé". Antônio Brito arrematou: "A dor da gente é também a dor de vocês". Transmitindo mensagem da família, Mauro Salles disse que os parentes também pediam desculpas se alguma vez faltou tempo ou oportunidade para uma palavra, uma entrevista ou mesmo um aceno ou sorriso.

Desolação

À 1h25 as bandeiras paulista e brasileira foram hasteadas a meio pau pelos funcionários do Instituto. Algumas pessoas que estavam por perto começaram a chorar, entre elas vários jornalistas. Cinco minutos depois saiu o governador Franco Montoro, sem dar entrevistas mas obrigado a ouvir o coro: "Montoro, o povo quer diretas já". Meia hora mais tarde, oculto em uma ambulância, chegou o caixão de Tancredo, acompanhado por funcionários de um cartório que vinham fornecer a certidão do atestado de óbito.

Eram exatamente 1h50 quando o governador Hélio Garcia, de Minas Gerais, saiu do hospital. Fez um grande esforço para não chorar. Olhos vermelhos e inchados, Garcia falou em tom muito baixo: "Ele fez de tudo: irmanou todos os credos, todas as religiões, civis e militares. Ele sem dúvida foi um grande líder. Era nosso chefe". Assessores do governador contaram que "o jeito paternal que aquele velhinho lhe transmitiu durante tantos anos o marcou demais".

Às 6h35 chegou o arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, acompanhado pelo frei Beto e o capelão do HC, para rezar a missa de corpo presente. Amanhecia quando as pessoas começaram a descer a avenida Rebouças, ocupando as calçadas por onde passaria o cortejo fúnebre. O silêncio defronte ao Incor era constangedor. Dona Maria Cristina da Silva, 42 anos, observava toda a movimentação com os olhos cheios de lágrimas: "Foi um tempo de tanta esperança esse que passamos... Mas o que mais machuca é a decepção, a frustração de as coisas não terem dado certo. A dor é tão forte que me sinto como se tivesse perdido meu único filho. Ver toda essa movimentação é sufocante, mas lá de cima, tenho certeza, ele vai dar uma grande força para que tudo dê certo para nós".

Política

Houve quem aproveitasse para falar em política. Ademair de Barros Filho, por exemplo, que foi ao Instituto representando o governador Leonel Brizola. O filho do ex-governador Ademair de Barros garantiu que "agora o PDT irá cobrar de José Sarney a Constituição e as diretas para presidente em 88". E o deputado Eduardo Suplicy (PT-SP) seguiu pela mesma trilha: "O presidente José Sarney terá que conversar com a Nação a respeito do tempo de seu mandato. Nós, do PT, entendemos que deva ser antecipada a convocação da Constituinte para novembro próximo, e a Constituinte terá então condições de definir qual o tempo do mandato do presidente, possivelmente da ordem de dois anos".

O vice-governador Orestes Quércia aproveitou para falar na "bandeira dos municipalistas". Disse que Tancredo "sempre fez questão de ressaltar em nossos contatos sua condição de vereador. Ele inclusive exerceu mandato de prefeito por alguns dias. Ele se orgulhava muito disso e tinha um compromisso, e tenho certeza de que vai ser realizado na prática, o fortalecimento do município brasileiro".

Nem bem havia acabado a missa celebrada por dom Arns e começou, do lado de fora, o penoso trabalho de desmontar toda a estrutura armada pela imprensa para cobrir os fatos mais importantes do País nas últimas semanas. Quilômetros de fios instalados por emissoras de rádio e televisão em caminhões, postes e árvores foram enrolados. Enquanto os técnicos faziam o serviço, muitas pessoas aproveitavam para acompanhar as imagens do cortejo pelos monitores de televisão. Por volta das 10h30 não havia mais nenhum soldado da Polícia do Exército barrando a portaria do Instituto.

A estrutura montada no interior do Centro de Convenções Rebouças também desapareceu rapidamente. Os equipamentos de transmissão foram levados, às vezes com problemas: um ônibus da TV Bandeirantes, parado há vários dias, teve a bateria descarregada e foi preciso empurrá-lo para o motor pegar. Dois caminhões recolheram os cerca de cem policiais militares que haviam ficado até depois de sair o cortejo. Alguns deles, trabalho encerrado, choravam.

Ficaram, no Centro de Convenções, apenas os jornalistas que haviam trabalhado durante toda a madrugada e encerrado seu turno: não foram para casa, preferindo assistir às imagens do cortejo nas televisões do Centro. Pouco depois das 14 horas, um caminhão-pipa da prefeitura lavou a avenida, apagando os sinais deixados pela maior cobertura da imprensa brasileira. E os jornalistas que ainda estavam no Centro de Convenções lembravam da frase de Jorge Almeida Neves, irmão do presidente, que ao sair do Instituto resumiu: "O Brasil é imperecível".



Depois de uma noite de muita tristeza e tensão, a última despedida dos funcionários do Incor.

"Um paciente tranqüilo", recordam as enfermeiras.

sua característica principal, que é a de abrigar em oito pequenas salas os pacientes em recuperação de exames de cateterismo.

As instalações: simplicidade.

No quarto 412, onde dormiu dona Risoleta, a mesa para passar roupa pedida pela primeira dama ainda estava montada a um canto. Sobre os colchões revestidos de plástico grosso azul-escuro os funcionários do Incor já haviam empilhado cadeiras. Outros homens levavam embora o pequeno armário que servia de guarda-roupa. Na sala ao lado, ocupada por irmã Esther, apenas papéis de embrulho de chocolates e a embalagem de uma liturgia.

Em outra saleta já estavam instalados, além de uma cadeira de barbeiro, sete telefones diretos para o gabinete do presidente José Sarney, do governador Franco Montoro e sua casa em Campos do Jordão, para o deputado Ulysses Guimarães, para a coordenação do Centro de Convenções Rebouças e mais alguns aparelhos de reserva da Embratel.